



Periferia

E-ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de

Janeiro

Brasil

Bezerra da Silva Alexandre, Maria Lúcia
UMA CIDADE, MUITAS LETRAS E ALGUMAS MEMÓRIAS: A ESCRITA DA HISTÓRIA
IGUAÇUANA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1970
Periferia, vol. 6, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 39-61
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Duque de Caxias, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156371005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

UMA CIDADE, MUITAS LETRAS E ALGUMAS MEMÓRIAS: A ESCRITA DA HISTÓRIA IGUAÇUANA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1970

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

Entre as décadas de 1920 e 1930, o município de Nova Iguaçu teve a citricultura como motor econômico. Em meados dos anos 1940, a região sofreu com as emancipações e loteamentos. Os setores da indústria e comércio foram ampliados, assim como as forças políticas. Mediante essas mudanças, os "herdeiros" da geração ruralista fundaram a Arcádia Iguassuana de Letras em agosto de 1955. A instituição produziu um conjunto de obras, objeto deste estudo, estabelecendo a relação entre passado, agricultura e promissão². A literatura produzida pelos árcades completou ações culturais iniciadas em períodos anteriores. O objetivo é demonstrar como a escrita da história iguaçuana representou o esforço pedagógico de um grupo de letrados na concretização de uma memória sobre Nova Iguaçu.

Palavras-chave: Literatura; cidade; Nova Iguaçu; Arcádia; intelectuais.

A CITY, MANY LETTERS AND SOME MEMORIES: THE WRITING IGUAÇUANA BETWEEN THE 1950 AND 1970

ABSTRACT

Between 1920 and 1930 the municipality of Nova Iguaçu had the citrus industry as an economic engine. In the mid-1940s the region has suffered from emancipation and allotments. Sectors of industry and commerce were extended as well as the political forces. Through these changes, the "heirs" of the rural generation founded the Arcádia Iguassuana de Letras in August 1955. The institution has produced a number of works, the object of this study, establishing the relationship between past, agriculture and promise. The literature produced by Arcadians completed cultural actions initiated in prior periods. The goal is to demonstrate how the writing of history of the city represented the efforts pedagogic of a group of scholars in the realization of a memory about Nova Iguaçu.

Keywords: Literature; city; Nova Iguaçu; Arcádia; intelectual.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR-UFRRJ). Membro do Grupo de Estudos Históricos da Baixada Fluminense (GEHBAF). Secretária do Centro de Documentação e Imagem (CEDIM/IM/UFRRJ). Tem especial interesse pelos processos históricos que envolvam instituições, produção literária e intelectuais na metade do século XX. E-mail: marialuciabsa@gmail.com.

² Promissão: O mesmo que promessa, promissor. *Terra da Promissão*, a terra de Canaã, prometida por Deus a Abraão e aos seus descendentes. A terra que jorra leite e mel, segundo a Bíblia.

CITRICULTURA: “A GRANDE RIQUEZA DO MUNICÍPIO”

Amália Dias (2012) constatou que, entre 1917 e 1935, 45 jornais foram criados no distrito-sede de Nova Iguaçu; contudo, somente um não deixou de existir: o *Correio da Lavoura*. Fundado pelo capitão Silvino Azeredo em 22 de março de 1917, o semanário verbalizou lemas em defesa da lavoura, saneamento e instrução. As matérias produzidas pelos diversos articulistas do jornal enquadravam o uso do território rural pela agricultura. O discurso do *Correio da Lavoura* reiterava “a vocação agrária do Brasil”, assim como a SNA (Sociedade Nacional de Agricultura).

Vale ressaltar que a SNA e o *Correio da Lavoura* foram organizações de caráter civil. Seus participantes articularam interesses dos setores agrários no pós-abolição. Ambas formularam um discurso no qual a agricultura em atraso seria responsável pelo retrocesso do país. Portanto, era necessário agregar os investimentos políticos e econômicos necessários que atendessem à demanda posta pela classe agrária.

Durante o governo de Nilo Peçanha, a revitalização econômica se pautou na recuperação do setor agrícola. As lideranças fluminenses comungavam do movimento ruralista difundindo pelos grupos agrários de todo o Brasil. Em *O ruralismo brasileiro*, Sonia Regina de Mendonça diz que o ruralismo foi “especificamente definido ao longo da Primeira República [...] como um movimento integrado por agências e agentes dotados de uma inserção determinada na estrutura social agrária e sustentado por canais específicos de organização, expressão e difusão de demandas” (MENDONÇA, 1997, p. 13).

Dessa forma, o ruralismo, por uma reunião de aspectos como o pós-abolição e o rearranjo do comércio internacional e das forças hegemônicas, acabou reordenando a política dos grupos dominantes agrários. Contudo, o movimento não produziu um discurso uniforme. Ele expressou conflitos e posturas diferentes sobre como a agricultura seria gerenciada no início do século XX. Isso demonstrou a “luta pela institucionalização de interesses outros que não os da fração hegemônica, quer a nível da sociedade civil, quer, sobretudo, a nível de sociedade política ou Estado no sentido

estrito" (MENDONÇA, 1997, p. 14). Para a autora, o ruralismo defendeu o rompimento com a lavoura arcaica e a extrema especialização produtiva da agricultura nacional.

Assim, novas possibilidades econômicas e políticas seriam concedidas ao grupo proprietário menos favorecido dentro desse grande bloco de poder. Era preciso não somente pensar na esfera política, mas também na civil. Foi necessário criar instituições capazes de encaminhar esse projeto de "essência agrária" do país, como a SNA. Ela foi capaz de organizar e doutrinar a classe rural em torno de objetivos como a modernização e melhoramentos do campo. Revigorar esse discurso permitiu enfrentar questões como a industrialização e o mercado de trabalho.

O *Correio da Lavoura* encabeçou a propaganda do movimento ruralista em suas páginas. O município de Nova Iguaçu recebeu muitos dos incrementos agrícolas aplicados no Estado do Rio de Janeiro. A atuação de Nilo Peçanha retomou a agricultura estadual, sendo a comercialização da laranja um dos cultivos mais incentivados. A citricultura passou a ser uma das principais atividades econômicas do estado, inclusive em Nova Iguaçu.

Isso causou inúmeras intervenções na Baixada Fluminense e transformações significativas no território iguaçiano. A Liga Pró-Saneamento federal agiu no município como "ferramenta de intervenção, para a recuperação de regiões insalubres, pretendendo torná-las habitáveis e produtivas economicamente, além de gerar melhorias nas condições de saúde das populações" (DIAS, 2012, p. 45). O *Correio da Lavoura*, por sua vez, corroborava a necessidade de inspeção e saneamento como mecanismos capazes de revigorar o desenvolvimento econômico local.

A implementação da citricultura em Nova Iguaçu pelo governo Nilo Peçanha ganhou amparo da administração municipal somente após investimentos estaduais. Os produtores rurais foram os grandes motivadores da produção de laranjas, de forma que o município demandou importantes mudanças. A centralização do distrito-sede constituiu-se a partir das exigências geradas pela citricultura, como: saneamento, aproveitamento de terras, estradas de ferro e incentivos governamentais.

O núcleo urbano foi organizado desde o fim do século XIX, pois o cultivo da laranja configurou o espaço do município. Comércio, escolas, hospital e espaços de lazer, além do aparelho administrativo, concentravam-se no centro do distrito-sede. A construção do cerne urbano se deu em função da ferrovia, da transferência do centro para a estação de Maxambomba³ e pela atividade citrícola. Contudo, em “outros distritos do município sucediam modos diferentes de ocupação e de uso das ferrovias e outras funções econômicas demarcavam a urbanização naqueles distritos” (DIAS, 2012, p. 55).

Ou seja, o município acumulou um conjunto de medidas modernizadoras que ia de melhorias no distrito-sede até ações sanitárias na região da Baixada. Essas modificações se deram pelas intervenções federais e estaduais e apoio do poder local, a fim de que uma “Nova Iguaçu” fosse constituída. De acordo com Amália Dias, os grupos locais associaram citricultura à modernidade para que permanecessem na história e “progresso” da cidade. “Isto é, há fortes investimentos em construir uma identidade local entre a história do município (a partir da história do distrito-sede) e a valorização da função da citricultura para o almejado progresso da região” (DIAS, 2012, p. 208). Esse movimento ficou evidente no conjunto de práticas e representações em comemoração ao centenário municipal, em 1933.

Arruda Negreiros, prefeito desse período, organizou um conjunto de ações comemorativas para o centenário do município. A construção de obras, a inauguração de vias, monumentos históricos e a publicação de obras “memorialísticas” davam visibilidade ao crescimento do distrito-sede com base na vocação agrícola.

O projeto memorialístico produzido entre anos 1920 e 1940 tornou-se uma referência em muitos dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre a região. O objetivo era apontar um “futuro promissor” a partir da idade de ouro produzida pela

³ A mudança do centro administrativo do município da antiga Vila de Iguassú para as margens da ferrovia, no povoado de Maxambomba, foi oficializado em 1891. Com o novo centro administrativo, Maxambomba tornou-se, em 1916, Nova Iguaçu. Posteriormente, na década de 1920, a grafia é modificada para Nova Iguaçu.

citicultura e seus grupos operantes. O centenário e sua comemoração produziram uma “nova” Iguaçu a partir da evocação de um passado que reafirmava a citicultura.

Contudo, em meados da década de 1950 os “filhos” dessa geração ruralista concluíram essa história acerca do município. Uma nova conjuntura se fez nos anos que sucederam o “sucesso” da citicultura consolidada por esse grupo. Nova Iguaçu, entre 1950 e 1960, ganhou novos contornos territoriais, socioeconômicos e políticos.

Esse período gerou incertezas e a necessidade de reiterar o papel dessa elite mediante as configurações que a cidade adquiriu. Por isso, um grupo de “iguaçuanos natos” produziu uma literatura que completava as representações constituídas sobre a cidade no inicio do século XX. Em 11 de agosto de 1955, a Arcádia Iguaçuana de Letras (AIL) era fundada em Nova Iguaçu.

A Arcádia realizou uma “nova” *operação historiográfica* sobre a história da cidade. As mudanças conjunturais incidiram sobre o grupo e fizeram com que a AIL produzisse um discurso com base nessas referências. Discorreremos sobre esse panorama dos anos 1950 e a constituição de uma literatura pela Arcádia pelas memórias de seus membros. Delimitamos o recorte até a década de 1970, pois a documentação demonstra que o grupo fundador da AIL se manteve produzindo como instituição até o limiar desse período. Vamos identificar o tipo de narrativa constituída, as principais categorias utilizadas nas obras e como esse discurso atribuiu significados ao município.

UMA ARCÁDIA PARA NOVA IGUAÇU

Algumas produções memorialísticas indicam a Segunda Guerra Mundial e a mosca-do-mediterrâneo como as principais causas para “crise” da citicultura no município (PEREIRA, 1977). Contudo, em *Da laranja ao lote* Sonali Souza (1992) discute como a diminuição no cultivo do produto, na década de 1940, gerou um processo de expansão mais acentuado da malha urbana iguaçana, pois as chácaras de laranjas foram progressivamente loteadas. A opção por lotear se concretizou com a “depreciação” da laranja e a intensa valorização do território, pois o “assédio dos

chacreiros também induziu nesse sentido”, para que as propriedades fossem cada vez mais retalhadas.

No entanto, a escolha por lotear as terras antes utilizadas pela agricultura se deu não somente por um colapso da citricultura, mas pelo redirecionamento que o município adquiriu no início dos anos 1950. Os chacareiros subordinados aos grandes proprietários do setor tiveram as terras submetidas a um novo objetivo: a expansão da malha urbana de toda a cidade. O território adquiriu nova forma de especulação, ou seja, o projeto agrícola dos anos 1920 se encerrava e a valorização imobiliária provocada pelas migrações do Norte e Nordeste foi impulsionada.

A partir disso, o processo de ocupação urbana foi dinamizado em praticamente toda a sua área central e principalmente nos demais distritos. O município também vivenciou parte do processo de industrialização ocorrido em âmbito nacional, por meio de uma progressiva estratégia econômica que instalou as chamadas indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital na região. Para Adriano Oliveira Rodrigues, “coube à Região Sudeste, representada sobretudo por São Paulo e Rio de Janeiro, um papel decisivo, posto que concentrava parte do investimento dessas indústrias” (RODRIGUES, 2006, p. 56).

Os baixos valores dos lotes e a abertura de rodovias favoreceram a incorporação de novas áreas para instalação de indústrias atraídas pelos incentivos fiscais. Essa ampliação do setor secundário ocorreu enfaticamente no governo do presidente Juscelino Kubistchek (1956-1961). Como defendeu Vânia Losada Moreira, “o perfil desenvolvimentista de JK se deu pelo compromisso com a democracia e o alargamento do tipo industrial” (MOREIRA, 2003, p. 190).

As emancipações dos antigos distritos também configuraram uma importante mudança de ordem administrativa e política. Os desmembramentos territoriais diminuíram a receita de Nova Iguaçu e, consequentemente, as perdas da *cidade-mãe* foram significativas. A autonomia de Duque de Caxias⁴, em 1943; a de Nilópolis, em junho de 1947; e a de São João de Meriti, no mesmo ano, ocasionaram uma sequência

⁴ Sobre a emancipação do município de Duque de Caxias, ver Souto (2014).

de desmembramentos territoriais que levaram a uma perda considerável de terras. Além disso, forças políticas dissidentes se organizaram frente ao município matriz e com isso alianças foram firmadas ou renovadas.

A imprensa também ganhou novos contornos, com a fundação do *Correio de Maxambomba*. O jornal foi criado pelo jornalista e ator político Dionísio Bassi em data não constatada. Bassi exerceu dois mandatos como vereador do município, o primeiro entre 1947 e 1950 e o segundo de 1955 e 1958. Ele foi um exímio político e manteve vínculos importantes com diversos jornais cariocas.

Durante a década de 1940, Dionísio Bassi foi representante do Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil (PCB) de Nova Iguaçu e apoiou projetos de lei que ampliavam melhorias junto a grupos de trabalhadores da região. Foi possível constatar que Dionísio Bassi elaborou um jornalismo diferenciado do *Correio da Lavoura*, haja vista o estilo denunciativo do vereador.

Esses fatores estimularam a elite remanescente da citicultura a criar associações. Essas instituições foram pensadas por indivíduos pertencentes ao aparelho administrativo local. Associação de Comércio e Indústria de Nova Iguaçu (ACINI)⁵, Nova Iguaçu Country Club (NICC), Grupo de Teatro Experimental Itália Fausta (TEIF), Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI) e a Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) tiveram papel acentuado na transição do padrão tipicamente agrário para o modelo industrial. A institucionalização desses espaços permitiu que a história elaborada por essa elite local fosse “reacendida”. As mudanças conjunturais fizeram com que os “descendentes” da laranja corroborassem com suas memórias a narrativa iniciada nas décadas anteriores.

Esses porta-vozes redigiram uma literatura que legitimava o papel desempenhado por seus antecessores no distrito-sede, bem como a atuação dos mesmos como intelectuais. “Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo,

⁵ Sobre a ACINI, ver ASSOCIAÇÃO DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE NOVA IGUAÇU. *Uma história de lutas - ACINI 50 ANOS* - Instituição a serviço de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu: Semana Ilustrada Editorial, 1995.

organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político" (GRAMSCI, 2014, p. 15).

O momento era de mudança, e por isso a Arcádia Iguassuana de Letras viria para "congregar os amigos das letras e filosofia, artes e ciências para, na constante exaltação dos grandes vultos do passado, aprimorar os valores das novas gerações e, por essa forma, assegurar a continuidade histórica de Nova Iguaçu como célula atuante na civilização da Velha Província Fluminense" (ARCÁDIA IGUASSUANA DE LETRAS, 1955). Esse grupo de intelectuais estava intrinsecamente ligado à realidade na qual estavam inseridos. Com isso, eles asseguraram o direcionamento ideológico e cultural hegemônico imposto pela classe dirigente.

Constatamos que a Arcádia Iguassuana de Letras definiu com clareza o perfil e o objetivo do grupo. Tendo por referência a Academia Brasileira de Letras (ABL) e demais academias estaduais e municipais, a Arcádia foi um espaço onde se concluiu sob o signo das letras um ciclo de "prosperidade" pretérita. Portanto, foi uma ação igualmente reflexiva sobre uma Nova Iguaçu que ampliava seu território e se distanciava por completo do perfil do início do século XX. Para isso, o jornal *Correio da Lavoura* foi utilizado mais uma vez como difusor dos objetivos do grupo, pois as publicações sobre a Arcádia demonstravam muito da sociabilidade preexistente entre os árcades e dos fins da AIL.

Os leitores do *Correio da Lavoura* foram parte fundamental desse processo, pois eram maleáveis no processo de consolidação ideológica da organização cultural da cidade, haja vista sua posição dominante frente ao restante da sociedade iguaçuana. Secundariamente, compuseram a camada social capaz de adquirir as publicações e de estimular a circulação do jornal entre os pares. Esse conjunto de intelectuais não poderia ser um grupo autônomo, mas representantes que conferissem consciência de si mesmos e funcionalidade no campo sociopolítico e economicamente dominante de Nova Iguaçu.

Por isso foram escolhidos os seguintes nomes para a instituição: Alcino Rafael, Althair Pimenta e Moraes, Cial Brito, Deoclécio Dias Machado Filho, Francisco Manoel Brandão, Humberto Gentil Baroni, João Barbosa Ribeiro, José Jambo da Costa, Luiz Martins de Azeredo, Newton Gonçalves de Barros, Raul Figueiredo Meirelles, Ruy Afrânio Peixoto, Waldemiro de Faria Pereira, Enéas Marzano, Luciano Muniz Freire Pinto, João Barbosa de Almeida Ribeiro, José Froés Machado e Mário Guimarães.

Médicos, professores, advogados e jornalistas foram elencados segundo critérios como vínculos familiares, profissionais e principalmente de sociabilidade, a fim de que colocassem em prática o projeto. Esses indivíduos eram filhos de famílias vinculadas direta ou indiretamente ao setor agrário, mas que foram igualmente absorvidos pela nova estrutura econômica industrial e comercial das décadas de 1950 e 1960.

A Arcádia Iguassuana de Letras se inseriu no momento em que o Estado do Rio de Janeiro vivenciava um projeto de revalorização da memória agrícola que reacendeu o papel fluminense no cenário nacional. O plano teve por objetivo o recobramento histórico de um *status* baseado na principal atividade econômica da região.

Em *Historiografia e identidade fluminense*, Rui Acineto Nascimento Fernandes (2009) demonstrou a renovação de investimentos no setor agrário fluminense durante a segunda intervenção de Ernani Amaral Peixoto. De acordo com o autor, o governo estadual organizou um grupo de intelectuais para reverter o isolamento em que a Velha Província se encontrava desde a instauração da Primeira República.

Por isso, as tradições e valores locais deveriam ser resgatados, de modo que se consolidasse uma identidade regional. Os artigos produzidos contemplavam temáticas como municipalidades e colonização, sendo esta última uma das mais aplicadas à região da Baixada Fluminense. Demarcar as diretrizes para que ela ocorresse com êxito foi uma das maiores preocupações do Diretório Regional de Geografia do Estado do Rio de Janeiro, principal produtora da história regional do governo amaralista.

Segundo Rui Fernandes, esse plano diretor estava alinhado com os ideais defendidos por muitos intelectuais fluminenses materializados “em suas agremiações,

a Academia Fluminense de Letras, a Academia Niteroiense de Letras, o Cenáculo Fluminense de História e Letras, o Museu Antônio Parreiras e as faculdades, das décadas de 1940 e 1950" (FERNANDES, 2009, p. 3). Esses indivíduos passaram a dedicar suas trajetórias de vida a escrever sobre temas fluminenses; isso fez com que eles se colocassem como referência sobre determinados assuntos de sua localidade. As obras e matérias elaboradas não poderiam ser esquecidas e sempre valorizaram a história local e seus grandes ícones.

Por isso, indivíduos convededores da realidade estadual poderiam formular levantamentos estatísticos e organizar publicações evidenciando os vultos e potencialidades fluminenses. Seguindo a proposta estadual, a Arcádia correspondeu aos anseios propostos pelo governo de Amaral Peixoto. A AIL traçaria um panorama das necessidades econômicas em mutação e daria o "reconhecimento" aos sujeitos produtores dessa história. Diante disto, a Arcádia produziu um conjunto de obras que permite significar os usos políticos do discurso histórico no município de Nova Iguaçu entre os anos de 1950 e 1970.

Vimos traçando um panorama geral dos autores, das editoras, dos títulos e principalmente dos temas abordados pela Arcádia. Não será possível delinejar um perfil completo de cada livro produzido; contudo, procuramos esboçar uma associação entre a instituição de letreados e as obras que tomam a cidade por tema central. Uma caracterização da produção será elencada a partir de elementos como: quais informações foram destacadas na narrativa, cronologias e periodizações para a construção do discurso histórico. O objetivo é perceber como a Arcádia enquadrou a cidade da segunda metade do século XX na literatura produzida. Como a narrativa elaborada pode ter findado o período dominado por um grupo que, entretanto, deixou registrado pela literatura sua capacidade de produzir a história e sua atuação nela.

UMA CIDADE, MUITAS LETRAS E ALGUMAS MEMÓRIAS

As obras produzidas pelos membros da Arcádia reúnem uma série de interesses que podem explicar o lugar desses autores, as palavras ditas e os seus silêncios.

Possuímos um conjunto de 24 títulos produzidos pelos árcades entre os anos de 1953 e 1994. Essas obras estavam em poder da família de um dos membros da AIL, o jornalista Luiz Martins Azeredo. Toda a produção foi disponibilizada por seu neto Luiz Eduardo Azeredo e encontra-se digitalizada; contudo, é possível que existam outros títulos redigidos que se perderam ou estejam em arquivos particulares.

Este estudo traçou um panorama dos nove autores que mais produziram dentro da Arcádia: Athaide Pimenta de Moraes, Deoclécio Dias Machado Filho, Ibicuy Tinoco de Magalhães, Newton Gonçalves de Barros, Waldick Pereira, Ruy Afrânio Peixoto, Zilmar Paula de Barros e Leopoldo Machado.

Por duas justificativas, nosso enfoque reside nos livros produzidos entre 1953 e 1970. Primeiramente, o ritmo da produção literária acompanhou o fôlego com que os fundadores estiveram comprometidos com a AIL. A partir da década de 1970, o número de obras escritas pelos árcades diminuiu, assim como sua atuação na imprensa e demais espaços associativos da sociedade.

Em segundo, as obras que estabeleceram a relação entre a memória dos árcades e cidade de Nova Iguaçu estão concentradas nos anos de 1950 e 1960. Isso evidencia como a fundação da Arcádia esteve vinculada às transformações socioeconômicas e políticas vivenciadas pelo município. A necessidade de concluir o trabalho histórico iniciado nos anos anteriores tornou-se uma máxima, haja vista a extinção da “vocação agrícola” local.

Os estilos escolhidos pelos árcades demarcam outro aspecto importante dessa literatura. Eles perpassaram os mais variados gêneros: poesia, trovas, ficção, contos, memórias, biografias e peças teatrais. Tanto uns como os outros invocaram, em suas obras, temáticas ligadas à família, a círculos de sociabilidade, instituições locais, figuras históricas e à imagem da Nova Iguaçu de “outrora”.

Notamos que os autores constituíram as narrativas com base em suas memórias e vivências. Muitos deles nasceram em Nova Iguaçu durante os anos 1920 ou migraram ainda jovens para o município nessa mesma década. Independentemente

da origem geográfica, o grupo se caracterizou pela rede de sociabilidade estabelecida a partir de suas trajetórias de vida.

A homogeneidade desses intelectuais sobre a projeção cultural do município fica evidente em muitas dessas obras. O papel desempenhado em carreiras como o magistério, jornalismo e outras profissões liberais está explícito. A capacidade de se relacionar pelo campo profissional e de demonstrar como suas ações foram importantes na narrativa histórica municipal também fica demonstrada nos textos.

O papel desempenhado pelas famílias, instituições e principalmente pela administração pública aparece com frequência nos títulos. Comungando valores e perspectivas semelhantes, esses intelectuais transformaram suas memórias em literatura. Falar sobre a cidade em que cresceram acrescentaria à história contada por seus “antepassados”. Esse esforço em constituir uma memória geracional levava à valorização da “terra natal” e de seus “costumes”. Daí um maior número de obras sobre personagens e organizações que atuaram decisivamente nos destinos da cultura e da “boa sociedade” iguaçuana.

Para discutir a relação entre literatura e cidade, optamos por dois dentre os nove autores da AIL. A partir de suas reminiscências e trabalhos memorialísticos, Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto resgataram a “identidade” produzida para o território e a população. Neste trabalho discutiremos *A Sombra dos Laranjais*, de Deoclécio Machado, e *Imagens iguaçuanas*, de Ruy Afrânio. A primeira obra foi publicada em 1953 e apresenta um conjunto de memórias sobre a região. A opção por esse título está em averiguar como esses sujeitos estavam encaminhando esse projeto institucional mesmo antes de criar a Arcádia.

A segunda obra, de 1960, traça uma narrativa sobre a história da cidade a partir de seus “principais fatos”. O objetivo é identificar o *lugar de memória* desempenhado pelas obras no processo de revalorização das “velhas manifestações culturais”. Por meio desse título, notaremos como o processo histórico é constituído, ou seja, quais marcos foram eleitos e por quais razões.

Deoclécio Dias Machado Filho ocupou em 12 de maio de 1957 a cadeira de número 2, cujo patrono era o médico iguaçuano Elói dos Santos Andrade. Formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina nos anos 1940. Pertenceu à família fundadora do Colégio Leopoldo Machado, tradicional instituição de ensino criada na década de 1930 e em funcionamento até os dias de hoje. Escreveu diversas matérias para o *Correio da Lavoura*. Foi um dos árcades que mais produziram dentro da AIL.

Tabela 1: Obras de Deoclécio Dias Machado Filho

Título	Ano	Editora	Nº de páginas	Gênero
À sombra dos laranjais	1953	-	190	Memórias
A tradição de um nome (a vida social do Esporte Clube Iguaçu)	1956	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	105	Memórias/História Institucional
Nova Iguaçu, terra de gente ilustre	1957	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	170	Memórias/História Institucional
Reminiscências	1964	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	255	Memórias/Peça Teatrais
Veras Dalma	1964	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	126	Memórias/História Institucional
No limiar do outro mundo	1965	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	102	Médico-espiritualista ⁶
O que restou dos laranjais em flor - um livro de memórias bem iguaçuanas	1970	Gráfica Castro	128	Memórias

A tradição de um nome retrata a instituição do clube de futebol fundado na década de 1930. *Nova Iguaçu, terra de gente ilustre* e *Veras Dalma* reúnem

⁶ *Médico-Espiritualista* é o termo utilizado pelo autor.

informações, posses e eventos sobre a Arcádia e seus membros. O livro *Reminiscências* se divide em dois volumes; o primeiro resgata as lembranças da trajetória escolar e profissional do autor e de amigos.

O segundo reúne duas peças de teatro: *O iguaçuano* e “*Society*” *iguaçuano*. A primeira retrata a importância da Arcádia na cultura do município. A segunda é uma “peça biográfica”, mais precisamente sobre Francisco Rangel Pestana, figura “simbólica” do século XIX na região. Ambas foram produzidas no teatro da Arcádia Iguassuana de Letras, auditório instalado nas dependências do imóvel utilizado pelo grupo.

O segundo autor, Ruy Afrânio Peixoto, foi advogado e professor. Fundou no final da década de 1960 o Colégio Afrânio Peixoto, atual Recanto do Fazer. A instituição de ensino possuía jardim de infância, ensino primário, ginásial, científico e normal. Assim como Deoclécio, Ruy Afrânio foi um assíduo colaborador do *Correio da Lavoura*. Digitalizamos cinco obras; contudo, nos aterremos à segunda delas, *Imagens iguaçuanas. Traços biográficos de João Manoel Pereira da Silva* faz uma breve biografia da figura de um grande proprietário da região no século XIX. *Em cada esquina um encontro* e *Brique a braque* reúnem um conjunto de poesias sobre diversos temas, enquanto *A filha do Macumbeiro* se volta para a ficção.

Tabela 2: Obras de Ruy Afrânio Peixoto

Título	Ano	Editora	Nº de Páginas	Gênero
Traços biográficos de João Manoel Pereira da Silva	1962	Oficina Gráfica do Colégio Afrânio Peixoto	32	Biografia
Imagens iguaçuanas	1960	- ⁷	180	História
Em cada esquina um encontro	1973	-	132	Poesias
Brique a braque	1979	Oficina Gráfica do Colégio Afrânio Peixoto	149	Poesias
A filha do macumbeiro	1994	-	133	Ficção

⁷ Sem editora.

Com exceção das últimas três obras de Ruy Afrânio Peixoto, ambos os autores elegem como temas suas memórias, a história do município, instituições locais e biografias. Evocar a imagem da Nova Iguaçu citricultora foi uma constante na literatura produzida por estes árcades. Associar características como calma, natureza e beleza à cidade foi um recurso recorrente na narrativa de Deoclécio Machado. Sua escrita é memorialística e traz consigo um forte ar nostálgico, ou seja, sobre uma Nova Iguaçu que segundo ele, não mais voltará.

No prefácio de *A sombra dos laranjais*, o árcade aponta sua saudade “à sombra dos laranjais”. Em suas palavras, o livro

[...] pode não ter sido elaborado em plena adolescência, *mas foi em período quase igual*, quando o cérebro do autor também se povoava de sonhos, época em que, de pés descalços e braços nus, corria pelas ruas e campos iguaçuanos aonde se ia e passava a [maior] parte do tempo. *Campos cheios de relva e de esperanças, onde, debaixo dos laranjais, sentiu muito do que vai nas presentes páginas* (MACHADO, 1953, p. 12, grifo nosso).

A narrativa é colocada como produto das memórias do autor enquanto jovem, contudo é plausível pontuar que o arcadiano vivenciou sua juventude durante os anos 1930. Essa década consolidou a identidade do distrito-sede a partir da citricultura. Inúmeros símbolos físicos e culturais foram elaborados com o objetivo de associar agricultura, desenvolvimento e beleza a Nova Iguaçu. A cidade moderna é tomada a partir do “bem-sucedido” campo, espaço “fruto de esperança e progresso”. O autor diz que sua jovem mente estava “povoada de sonhos”, uma vez que a “vocação agrícola” criava expectativas para um futuro, em sua leitura, ainda melhor.

Contudo, a narrativa do autor foi constituída no momento em que Nova Iguaçu não era mais agrária, mas voltada para os setores secundários e terciários. De acordo com *O campo e a cidade*, de Raymond Williams, as concepções do mundo rural inglês persistiram mesmo depois de a sociedade ter se tornado “predominante urbana; a literatura, durante uma geração, continuou basicamente rural; e, mesmo no século XX,

numa terra urbana e industrializada, é extraordinário como ainda persistem formas de antigas ideias e experiências" (WILLIAMS, 2011, p. 13).

Segundo Raymond Williams, essa continuidade no discurso tipicamente agrícola demarcou "as transformações decisivas nas relações entre campo e cidade [...]. A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional" (WILLIAMS, 2011, p. 13). Ou seja, a relação entre campo e cidade é antes de tudo marcada por uma vivência direta e intensa. A idealização desse campo foi baseada em uma situação passageira e na vontade de estabilidade. Essa literatura serviu para ocultar as intensas contradições que se colocaram na Nova Iguaçu de 1950 e 1960.

O árcade abre seu primeiro livro com o título *Tudo é belo, quando se quer*. Na sequência ele afirma como os habitantes não valorizam a cidade "pelo que possui de mais saudável e pitoresco" (MACHADO, 1953, p. 13). Para Deoclécio, as pessoas

[...] preferem a agitação noturna e multicolor das metrópoles iluminadas à calma de *uma tarde serena e mansa entre os laranjais*, alegram-se mais no reboliço das praias, ao contacto com a areia quente, do que à sombra fresca de uma árvore amiga; encantam-se mais com o rebentar espumante das ondas do que propriamente com o *cantar dos pássaros* que aqui fizeram os seus ninhos; trocam a cor escura do asfalto [...] pelos lugares onde as orquídeas exibem o azul das suas pétalas e a água nasce límpida, *umedecendo a terra escura, fértil e nua* (MACHADO, 1953, p. 13, grifo nosso).

Essa citação demarca que a "Iguassú" do início do século XX era "boa" e "tranquila", reunia as características necessárias para uma qualidade de vida "adequada". Entretanto, a Nova Iguaçu narrada por Deoclécio é um cenário criado, ou seja, a concepção de bucólico foi uma tradição selecionada para reiterar o perfil do município criado anteriormente. Para Raymond Williams, "todas as tradições são seletivas, e a tradição bucólica o é tanto quanto qualquer outra" (WILLIAMS, 2011, p. 7).

Essa representação de terra soridente e acolhedora foi uma imagem agregada à cultura como algo que se deu naturalmente. A relação do homem com esse mundo rural, pitoresco e saudável foi criada para marcar oposição explícita aos hábitos da

grande cidade que Nova Iguaçu tornou-se. O autor celebra essa idealização de vida rural em contraposição as pressões de uma nova era que chegou e se mostrava incerta.

Portanto, existe uma clara reação às mudanças daquele período. Temos uma crise de perspectiva que faz Deoclécio Machado recuar no tempo e recorrer à imagem municipal criada pela geração anterior. Por isso, a contradição entre campo e cidade se torna um segundo elemento desta análise. A cidade grande é colocada como espaço de barulho e de problemas, enquanto o campo é tratado como espaço de felicidade.

Ele não ignora Nova Iguaçu como cidade, mas enfatiza que ela ainda pode reunir “aspectos rurais”. A citicultura é evocada na frase *uma tarde serena e mansa entre os laranjais*, não porque os laranjais existissem em 1950 e 1960, mas por demarcarem uma diferença entre o desenvolvimento conquistado e as novas incertezas socioeconômicas e políticas. É preciso destacar que o meio rural narrado não era simples e apaziguado, mas marcado por disputas e interesses entre os proprietários estabelecidos e recém-chegados. Esses conflitos delinearam o aparelho administrativo do município, bem como sua estruturação e representações.

Portanto, o campo e cidade são categorias criadas para delimitar “uma mudança das relações sociais e a moralidade essencial” (WILLIAMS, 2011, p. 94). Cidade e campo foi uma ficção útil, segundo Raymond Williams, pois promoveu comparações ilusórias e impediu comparações concretas. No caso iguaçano, cidade e campo nunca estiveram separadas, já que

[...] a cidade se alimenta daquilo que o campo ao seu redor produz. Isso ela pode fazer graças aos serviços que oferece, em autoridade política, no direito e no comércio, àqueles que comandam a exploração rural, ao quais está normalmente associada por vínculos de necessidade mútua de lucro e poder (WILLIAMS, 2011, p. 88).

A citicultura e a constituição do distrito-sede de Nova Iguaçu resultaram em um imbricamento entre os conceitos de rural e o urbano nos anos 1930, pois ambos não se opuseram. O primeiro reproduziu relações arcaicas capazes de acumular e gerar a reprodução do novo, do urbano. Contudo, nas décadas de 1950 e 1960 as relações do setor agrário foram reconfiguradas e ganharam perfil industrializado. Nova Iguaçu,

porém, não se enquadrava nesse novo projeto e sua estrutura foi destinada a novos objetivos econômicos e sociais.

Na obra *Imagens iguaçuanas*, Ruy Afrânio Peixoto também periodiza sua narrativa sobre Nova Iguaçu a partir da citricultura; ele, todavia, demarca a passagem do tempo. Ele inicia com o título “Um trem que parte” e descreve a chegada do trem à estação de Maxambomba.

Longe, ainda longe, curva de Mesquita, já se ouvia o apitar do trem. Movimentava-se a Estação. Era o ‘Fumaça’ que ia chegar, como já anunciara o sinozinho do Agente. Garotos, a postos, preparavam seus sacos de laranjas, suas cestinhas de biscoitos, doces de leite e roletes de cana. As janelas abriam-se curiosas e das *chácaras de laranjeiras* que se debruçavam até a linha férrea saíam espectadores ansiosos. O trem ia chegar... (PEIXOTO, 1960, p. 3, grifo nosso).

Subsequentemente, o autor narra a espera do trem, sua partida e, na sequência, a passagem do tempo:

O trem esperava... O ar se impregnava de carvão e a máquina, exalando um ofegante suspiro, parava [...]. Começava o movimento. [...] Com um plangente apito, que se perdia no eco das serras, partia vagarosamente o trem. E o tempo passou... [...] Centenas de pessoas, acotovelando-se, comprimindo-se, esperam, na extensa faixa de cimento. O trem que não tarda. E ele chega, *o elétrico, rápido, como rápido estanca sua imensidão metálica* [...]. A um só tempo, mais de uma dezena de portas se abre para uma avalanche humana que se choca com outra comprimida [...]. São fisionomias suarentas, cansadas, esgotadas do trabalho (PEIXOTO, 1960, p. 3, grifo nosso).

O autor marca pela ferrovia as transformações ocorridas em Nova Iguaçu. Em sua leitura existem duas cidades: uma antes do trem elétrico e outra após ele. A primeira estava situada nos anos 1930, era rodeada por chácaras de laranjas e recebia o trem “festivamente todos os dias”. A segunda estava situada nos anos 1950 e 1960, passou a ser veloz e tomada por pessoas “esgotadas do trabalho”.

O texto é claramente transitório, pois demarca uma transição de modelos socioeconômicos vivenciados por Nova Iguaçu. Segundo Raymond Williams, a oposição entre campo e cidade foi uma atmosfera determinante transformada em contraste histórico. As virtudes e qualidades foram postas no passado, de modo que parecessem

perdidas no meio rural. A construção dessa história municipal acompanha a história social do autor que a escreve. Os árcades constituem o presente por meio de uma interseção entre passado e futuro. Porém a relação entre ambos pode se tornar ambígua, uma vez que a memória e a imaginação do autor vêm à tona, e sua história de vida se faz presente.

Obras como essas podem mascarar muito do processo histórico do município. A mudança das velhas relações é obscurecida pela ação imaginativa desses autores durante o processo de criação dos títulos. A chegada do trem nos anos 1950 foi posta como a destruição do que era “belo” por algo tedioso. Essa descrição com pessoas aguardando na estação, portas se abrindo e a “massa” chegando após um dia de trabalho é parte de um processo imaginativo de “suas” memórias e não do processo social. Ou seja, a nova ordem social que rege a cidade não é colocada, mas sim o que ela provoca no autor.

Diante disso, a imaginação do autor transcende a história; com isso, o entendimento sobre o desenrolar histórico e suas consequências acabam sendo distanciados do leitor. Ruy Afrânio Peixoto termina o texto da primeira página dizendo “Uma buzina curta, despótica, anuncia, a um tempo, o cerrar das portas e a partida do trem, instantânea, como uma veloz lacraia metálica do progresso. *Progresso... Ó Nova Iguaçu, porque não ficaste Maxambomba?*” (PEIXOTO, 1960, p. 3, grifo nosso).

A opção do autor é não mergulhar nas mudanças do sistema capitalista, que “conseguiu transformar o meio de modo extraordinariamente produtivo, utilizando tanto os homens quanto a natureza como instrumento para a realização de um propósito dominante” (WILLIAMS, 2011, p. 141). O árcade destaca a mudança, contudo não se propõe a fazer uma discussão sólida sobre ela. Ele reage como sujeito incapaz de lidar com o “progresso” que assola a cidade e prefere se refugiar nas memórias do passado.

Isso mascara o processo ambíguo do capitalismo daquela conjuntura, pois “promove um aumento real da riqueza, mas a distribui de modo desigual; permite o surgimento e a sobrevivência de populações maiores, porém dentro delas encara os

homens apenas como produtores e consumidores, como seres que nada podem pedir à sociedade senão dentro desses papéis abstratos" (WILLIAMS, 2011, p. 141).

Analisar o paradoxo da nova ordem capitalista instalada e seus resultados significaria se inserir na essência da mesma. Para homens como Ruy Afrânio Peixoto e Deoclécio Machado, era mais simples "separar as consequências do sistema e, então, atribuir à decadência social o que na verdade era o resultado do crescimento socioeconômico" (WILLIAMS, 2011, p. 141-142). À medida que o progresso citado pelo árcade se ampliava, aumentava a necessidade dos autores de tornar os aspectos locais nostalgia. Por isso, lembrar-se da Maxambomba e de fatos relacionados a ela era tão recorrente.

Para Raymond Williams, o problema desse tipo de leitura reside no fato de tais observações locais realistas darem origem a um tipo de *visão histórica geral* e, portanto, a um mito. Essa literatura elaborada pela Arcádia ajudou a cristalizar uma história mitificada sobre a cidade de Nova Iguaçu. O grupo dominante ao qual eles pertenciam não poderia ser colocado em questão nesse momento de transição do sistema. Por isso restavam duas opções: se vista como provisoriamente ausente ou "gente boa de outrora que fora substituída pela gente má de agora: essa classe se tornou sucessora de si mesma" (WILLIAMS, 2011, p. 142).

Por isso, Ruy Afrânio prossegue a narrativa destacando grandes proprietários do século XIX e inicio dos XX. O enaltecimento dessa elite agrária permaneceu como uma constante, assim como a história da fundação do município. Em um de seus subtítulos, mais para o fim da obra, o autor aponta para uma Nova Iguaçu ciclópica⁸.

A Rodovia Presidente Dutra, valorizando extraordinariamente as terras de grande parte do município, promoveu inúmeros loteamentos que vieram transformar a base econômica de Nova Iguaçu, com o surgimento da mais variada indústria, dando-lhe, não na promoção legal, mas verdadeiramente um desenvolvimento ciclópico (PEIXOTO, 1960, p. 3).

⁸ Ciclópica é o termo utilizado para designar o crescimento urbano desmensurado. Em geral, proporciona ao leitor a ideia de colossal, de uma cidade que está crescendo de forma "espetacular". Ver GITAHY, Maria Lúcia Caira; LIRA, José T. Correia de. *Tempo, cidade e arquitetura*. São Paulo: Annablume, 2007.

Ele sinalizou as mudanças sofridas após a citricultura e destacou como elas modificaram fisicamente a cidade. O município tinha tomado proporções populacionais e estruturais nunca vistas anteriormente. Os trabalhadores que chegavam nos trens agora ampliavam os bairros menos assistidos nos distritos de Nova Iguaçu. A cidade que se descontou para os “filhos” da citricultura não era grande somente no tamanho, mas na “força de suas transformações e na de seus habitantes. [...] Não apenas uma transformação material, mas uma transformação de significados, uma mudança simbólica” (GITAHY; LIRA, 2007, p. 108).

CONCLUSÃO

Segundo Angel Rama, as cidades da América espanhola concentravam uma *cidade letrada* em seu interior. “A cidade letrada quer ser fixa e atemporal como os signos, em oposição constante à cidade real que só existe na história e se adéqua às transformações da sociedade” (RAMA, 1985, p. 65). Por meio de símbolos, ela articulou-se com o Poder e serviu a ele mediante uma ideologização. Sujeitos com domínio da escrita se distinguiam socialmente daqueles que apenas falavam. Somente as letras eram capazes de conceber a cidade ideal e mantê-la além de sua materialidade. A Arcádia reuniu indivíduos para ordenar e interpretar uma leitura sobre o município de Nova Iguaçu. O objetivo era fazer sobreviver simbolicamente uma leitura sobre a cidade mesmo em luta com as transformações ocorridas entre as décadas de 1950 e 1970.

Os árcades compuseram um grupo muito específico. Eram filhos, sobrinhos e netos da geração citrícola iguaçuana. Viram as mudanças socioeconômicas e políticas perpassarem a cidade, assim como a história construída para ela. A identidade construída em torno da citricultura e seu grupo operante permitiu que essa geração reproduzisse a narrativa de desenvolvimento municipal vinculada à laranja. Durante os anos 1920 e 1930, inúmeras ações visaram concretizar material e imaterialmente o papel dessa elite ruralista; contudo, ao final dos anos 1940, o projeto político para o município se reconfigurou.

As terras utilizadas anteriormente para fins agrícolas foram loteadas e sofreram com a especulação imobiliária. Foram destinadas à instalação de indústrias e vendidas a trabalhadores provenientes dos processos migratórios. Parte do território também foi reconfigurado, com as emancipações dos distritos de Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti. O crescimento físico e populacional estava em plena expansão. Mediante essas mudanças, os membros da AIL realizaram uma leitura sobre a cidade a partir de suas memórias e referências memorialísticas dos antepassados.

Eles concluíram a produção de uma literatura iniciada na primeira metade do século XX que corroborou a mitificação do campo e sua suposta oposição à cidade. Essa nova intervenção na história municipal reitera o papel desse grupo dirigente; todavia, a novidade reside na forma como é lida a transição para uma nova ordem. A idealização de uma velha e uma nova realidade para o campo foi colocada a partir da conjuntura que adveio. O campo foi enquadrado como lugar de “boas lembranças”, bucólico e ausente de mazelas.

Entretanto, essa foi uma posição dos autores em relação ao espaço em transformação, ou seja, uma interpretação direcionada com a chegada da industrialização e da expansão urbana. As ideias de cidade e campo se fizeram mediante a necessidade de persistirem determinadas concepções. Elas escondem as verdadeiras mudanças do processo histórico que se encaminhava.

O “avanço” da cidade foi colocado como o grande interruptor da existência da “tranquilidade” e qualidades do campo. Campo e cidade sempre coexistiram, contudo os autores demarcaram as mudanças e não analisaram as realidades históricas como um todo. Por isso é necessário analisar a manipulação dessas categorias e encará-la como uma transição das técnicas e do modo de produção. Para Deoclécio Machado e Ruy Afrânio, essas mudanças foram vistas como progresso; no entanto este poderia desmantelar as referências constituídas sobre a Nova Iguaçu do pretérito.

FONTES

ARCÁDIA IGUASSUANA DE LETRAS. *Estatuto da AIL*. Nova Iguaçu, 1955.

MACHADO, Deoclécio Dias Filho. *A sombra dos laranjais*. [S. l.: s.n.], 1953.

PEIXOTO, Ruy Afrânio. *Imagens iguaçuanas*. [S. l.: s.n.], 1960.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.
- FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense: a escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. 2009. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira; LIRA, José T. Correia de. *Tempo, cidade e arquitetura*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: os intelectuais, o princípio educativo – jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 2.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. Anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 156-190.
- PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja*. Rio de Janeiro: FGV/SEC, 1977.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, Adriano Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90s): economia e território em processo*. 2006. Dissertação (Mestrado). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- SOUTO, Adriana Branco Correia. *Tabuleiro de damas para um jogo de xadrez: emancipação de Duque de Caxias vista por Nova Iguaçu através do Correio da Lavoura*. 2014. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, 2014.
- SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. 1992. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.